

## A Utilização do Método do Estudo de Caso em Pesquisas da Área de Contabilidade

**Autoria:** Ana Maria Roux Valentine Coelho Cesar, Maria Thereza Pompa Antunes

### RESUMO

Como todo método científico, o Estudo de Caso envolve uma série de práticas e exige cuidados específicos, vez que a distância entre a teorização decorrente de uma observação de campo e o senso comum por vezes é tênue. Como não se conhece trabalhos que apontem o percentual de utilização do método bem como analisem o cumprimento do rigor metodológico previsto na literatura sobre pesquisa qualitativa, desenvolveu-se este estudo tendo-se como problema de pesquisa: *Como tem sido utilizado o Método do Estudo de Caso em pesquisas feitas na área de Contabilidade?* Fez-se um censo dos artigos publicados no EnANPAD (268 artigos) e no *Journal of Accounting Research* (184 artigos) no período de 2002 a 2006. A partir da literatura de metodologia de pesquisa desenvolveu-se um modelo para análise metodológica dos artigos, criando-se um protocolo com 16 quesitos a serem cumpridos na busca do rigor metodológico. Os resultados mostraram, dentre outros aspectos relevantes, baixa citação dos quesitos formais na condução dos estudos de caso (em torno de 50%). Também chama a atenção a frequência muito maior de utilização do Método do Estudo de Caso em estudos brasileiros (29,95%) quando comparada com a utilização em estudos internacionais (1,8%). Isso sugere certa banalização do uso do método no Brasil.

### 1. INTRODUÇÃO

Verifica-se que existem muitas críticas em relação ao uso do Método do Estudo de Caso; elas têm como pano de fundo o baixo rigor metodológico aplicado em estudos dessa natureza. Isto porque, por vezes, os pesquisadores não buscam confirmação de evidências, não seguem um protocolo de pesquisa, não usam critérios que justifiquem a escolha dos casos estudados, dentre outros problemas identificados. O principal resultado desse descuido é o baixo poder de generalização dos resultados, o que diminui o poder de predição da teoria assim gerada.

Todavia, as posições adotadas pelos pesquisadores que escolhem o Método do Estudo de Caso nem sempre refletem uma falta de preparo ou mesmo um descuido dos mesmos em termos metodológicos. Os pesquisadores encontram à sua disposição uma enorme variedade de metodologias propostas para o que se chama “estudo de caso”, muitas delas contraditórias, o que conduz a enormes dificuldades em relação à decisão de opção pelo modelo a ser seguido resultando em dúvidas metodológicas.

Esta percepção em relação às dificuldades encontradas por pesquisadores em relação à atividade prática de pesquisa e, em especial, à utilização do Método do Estudo de Caso, foi um dos fatores propulsores do presente estudo, gerando o seguinte **problema de pesquisa**: *Como tem sido utilizado o método do estudo de caso em pesquisas na área de Contabilidade?* Tem-se uma impressão, lendo-se artigos publicados em anais de congressos nacionais, de que o método do estudo de caso vem sendo bastante utilizado por pesquisadores brasileiros em temas relacionados à Controladoria. Entretanto, não se conhece estudos que apontem o percentual de utilização do método do estudo de caso, bem como a forma como o método tem sido aplicado em termos de cumprimento do rigor metodológico previsto na literatura sobre pesquisa qualitativa.

Assim sendo, fez-se neste estudo uma revisão da literatura sobre métodos de pesquisa qualitativos e, em especial, sobre o método do estudo de caso. A partir desta revisão foi gerado um modelo teórico para análise da aderência de um estudo à metodologia proposta para estudo de caso. Cada um dos quesitos apresentados no modelo proposto tem um objetivo específico dentro do processo de pesquisa. Entende-se que a observação de cada um dos quesitos pode auxiliar o pesquisador na busca de maior rigor metodológico. Este roteiro foi utilizado na análise de publicações feitas na área de Contabilidade, em periódicos nacionais e

internacionais. Espera-se que os resultados encontrados a partir dessa análise possam gerar contribuições para todos aqueles que utilizam ou que pretendam utilizar o Método do Estudo de Caso em seus processos de pesquisa na área de Contabilidade.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Uma discussão sobre Método**

Um método é um conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecer uma determinada realidade, produzir determinado objeto ou desenvolver certos procedimentos ou comportamentos (OLIVEIRA, 1999). O Método Científico, por sua vez, caracteriza-se pela escolha de procedimentos sistemáticos para descrição e explicação de uma determinada situação sob estudo e sua escolha deve estar baseada em dois critérios básicos: a natureza do objetivo ao qual se aplica e o objetivo que se tem em vista no estudo (FACHIN, 2001; BECKER, 1997). Método de Pesquisa não se confunde com Metodologia de Pesquisa, muito embora alguns autores utilizem tais palavras como sinônimas (COLLINS e HUSSEY, 2005, p.61). Metodologia refere-se à maneira global de tratar o processo de pesquisa, da base teórica até a coleta e análise de dados; métodos referem-se às várias maneiras de coletar e/ou analisar dados. Os pressupostos, interesses e propósitos de um pesquisador modelam a metodologia que será escolhida. Olhando-se o aspecto essencial dos debates sobre metodologia, pode-se dizer que eles são debates sobre pressupostos e propósitos, mais do que sobre teorias e perspectivas (TAYLOR e BOGDAN, 1998, p. 3).

Dentro do Método Científico pode-se optar por diferentes abordagens de pesquisa, que estão amparadas em diferentes paradigmas, embora haja autores que discordem da separação precisa de diferentes métodos em diferentes paradigmas (GOODE e HATT, citados por OLIVEIRA, 1999). Collins e Hussey (2005) identificam dois grandes paradigmas ou filosofias de pesquisa: positivista e fenomenológico ou, mais comumente encontrado, quantitativo e qualitativo.

De acordo com Seale et al. (2006), nos últimos trinta anos tem havido um aumento em textos sobre pesquisa qualitativa (da ordem de 1.300%), embora isto não tenha significado uma evolução na qualidade dos textos; para os autores tem havido uma super-teorização da pesquisa qualitativa que, deslocada da prática, tem como reflexo uma tendência de apresentação de regras descontextualizadas, conselhos e princípios gerais. O grande debate metodológico, em ciências sociais, acaba sendo em torno de dois paradigmas: o positivismo e a fenomenologia. O positivismo tem suas origens nas ciências experimentais, como a física e a biologia. Nas ciências sociais sua influência se deu a partir do final do século dezanove e início do século 20, com estudos de Auguste Comte e Emile Durkheim, dentre outros teóricos importantes (TAYLOR e BOGDAN, 1998, p.3-23). O positivismo busca os fatos e as causas dos eventos sociais que possam ser estudados sem o subjetivismo inerente à análise das relações sociais. Já a fenomenologia tem uma longa história na filosofia e sociologia, com ênfase em estudos das décadas de 1960 em diante. Sua proposta de estudo é analisar o fenômeno social a partir do ponto de vista daquele que nele está vivendo, o ator social. A realidade importante é aquela como as pessoas a percebem. Assim, os estudos consideram as idéias, os sentimentos, os motivos, os significados (TAYLOR e BOGDAN, 1998, p.3-23).

### **2.2 Uma definição genérica do método de pesquisa qualitativo**

Definir pesquisa qualitativa é apontar uma forma de ter acesso ao mundo empírico (TAYLOR e BOGDAN, p. 5-23). Essa não é uma tarefa fácil, vez que há diferentes tradições, escolas e disciplinas que operam de formas distintas na forma de captar e analisar o mundo social; além disto, há diferentes níveis propostos para a profundidade da análise. Assim, não se pode dizer que haja uma maneira uniforme de se pensar o que seja pesquisa qualitativa.

Pode-se dizer que as diferentes correntes em pesquisa qualitativa têm alguns pontos em comum: 1) Ênfase nos significados; 2) Uso de métodos predominantemente indutivos; 3) Busca da compreensão do todo e 4) Ênfase no processo (MASON, 2002, p. 3-4; TAYLOR e BOGDAN, 1998, p. 7; GUBRIUM e HOLSTEIN. 1997). Esses pontos, entretanto, envolvem a preocupação com a clara definição de objetivos, a busca de múltiplas fontes de evidência, a justificativa e relevância do estudo para um determinado campo de conhecimentos, dentre outras, características que são essenciais para qualquer tipo de pesquisa, seja ela de natureza qualitativa ou quantitativa.

A diferença entre pesquisa qualitativa e quantitativa é uma questão de paradigmas. Fazem-se discussões sobre a propriedade de se separar estudos de natureza qualitativa e quantitativa. O método do estudo de caso é normalmente apresentado como parte integrante de estudos de natureza qualitativa; entretanto, isto não é necessariamente verdadeiro. Vale observar que os termos Quantitativo e Qualitativo são empregados ora como designação de paradigmas de pesquisa e ora como denominação de métodos de pesquisa. Isso pode ser verificado na prática em muitos artigos publicados, como se vê em Richardson (1999) e Godoy (1995), dentre outros autores. Também se apresenta o paradigma positivista como sinônimo de paradigma quantitativo e o paradigma fenomenológico como sinônimo de paradigma qualitativo. Isso não é especialmente verdadeiro. Afinal, na própria pesquisa classificada como positivista vêem-se estudos que apresentam dados descritivos com riqueza de detalhes própria dos métodos qualitativos, como é o caso dos estudos de Durkheim (1915), tido como um dos antropologistas positivistas (TAYLOR e BOGDAN, 1998, p. 4).

### **2.3 O Método do Estudo de Caso como um dos métodos de pesquisa qualitativa**

O Método do Estudo de Caso se adapta a uma imensa variedade de estudos. Há pesquisadores de diferentes tendências utilizando o Método do Estudo de Caso. Isto significa que se podem encontrar estudos dessa natureza tanto em pesquisas com orientação positivista, pós-positivista, pós-estruturalista, dentre outras tendências. Isto pode gerar uma confusão de orientação para aqueles que pretendem usar o método pela primeira; afinal, vários autores falam sobre o Método do Estudo de Caso, mas não fazem menção a qual, dentre as diversas abordagens de pesquisa qualitativa, o método está associado; na verdade, ele não está associado a nenhuma das correntes, em especial. A diferença entre as abordagens qualitativas interferirá não na escolha do método, em si, mas sim no elemento escolhido para análise, na forma de se colher e analisar os dados, na linguagem utilizada para relato do caso.

Os preconceitos existentes em relação ao Método do Estudo de Caso são externalizados em afirmativas como: os dados podem ser facilmente distorcidos ao bel prazer do pesquisador, para ilustrar questões de maneira mais efetiva; os estudos de caso não fornecem base para generalizações científicas; a afirmação de que estudos de caso demoram muito e acabam gerando inclusão de documentos e relatórios que não permitem objetividade para análise dos dados. Entretanto, Yin (2001) e Fachin (2001) consideram que essas questões podem estar presentes em outros métodos de investigação científica se o pesquisador não tiver treino ou não tiver as habilidades necessárias para realizar estudos de natureza científica, não sendo, assim, inerentes ao Método do Estudo de Caso.

Para se discutir o Método do Estudo de Caso três aspectos devem ser considerados: a natureza da experiência, enquanto fenômeno a ser investigado, o conhecimento que se pretende alcançar e a possibilidade de generalização de estudos a partir do método. Essas três considerações são típicas de pesquisas de natureza qualitativa. Quanto à natureza ou profundidade da experiência, para Stake (In DENZIN e LINCOLN, 2001) o que é condenado no método é justamente o aspecto mais interessante de sua natureza: ele está epistemologicamente em harmonia com a experiência daqueles que com ele estão envolvidos e, portanto, para essas pessoas constitui-se numa base natural para generalização. Entende-se

que isso seja especialmente importante na área de ciências sociais onde os estudos estão fundamentados na relação entre a profundidade e tipo da experiência vivida, a expressão desta experiência e a compreensão da mesma. Quanto ao tipo de conhecimento que se pretende adquirir, Stake (In DENZIN e LINCOLN, 2001, p. 433) apresenta a diferença entre explanação e compreensão de um fenômeno. No Método do Estudo de Caso a ênfase está na compreensão, fundamentada basicamente no conhecimento tácito que, segundo o autor, tem uma forte ligação com intencionalidade, o que não ocorre quando o objetivo é meramente explanação, baseada no conhecimento proposicional. Assim, quando a explanação, ou a busca de um conhecimento proposicional, seja a “alma” de um estudo, o estudo de caso pode ser uma desvantagem, mas quando o objetivo é a compreensão, ampliação da experiência, a desvantagem desaparece. Esta argumentação reforça a idéia de que o Método do Estudo de Caso esteja alinhado à metodologia qualitativa de pesquisa. Quanto à possibilidade de generalização a partir do método de estudo de caso, cabe aqui uma discussão do que seja um caso. Geralmente, pensa-se num caso como um único membro de uma dada população e, como tal, fracamente representando a população; assim, o estudo deste caso forneceria fraca base para generalização. Entretanto, um caso pode ser definido como um fenômeno de certa natureza ocorrendo num dado contexto (MILES e HUBERMAN, 1994). Um caso pode ser um fenômeno simples ou complexo, mas para ser considerado um caso de um projeto de pesquisa ele precisa ser específico (STAKE, In DENZIN e LINCOLN, 2001). Nesse sentido, o caso é uma unidade de análise, que pode ser um indivíduo, o papel desempenhado por um indivíduo ou uma organização, um pequeno grupo, uma comunidade ou até mesmo uma nação. Todos esses tipos de caso são unidades sociais. Os casos também podem ser definidos temporariamente (eventos que ocorreram num dado período), ou espacialmente (o estudo de um fenômeno que ocorre num dado local). (YIN, 2001; FACHIN, 2001; MILES e HUBERMAN, 1994; MEREDITH, 1998, EISENHARDT, 1991; )

A escolha de casos se reveste de especial importância quando o objetivo do estudo é construir teoria. O conceito de população é essencial, porque é a população que define o conjunto de entidades que serão selecionadas como amostra. A utilização de um único caso é apropriada em algumas circunstâncias: quando se utiliza o caso para se determinar se as proposições de uma teoria são corretas; quando o caso sob estudo é raro ou extremo, ou seja, não existem muitas situações semelhantes para que sejam feitos estudos comparativos; quando o caso é revelador, ou seja, quando o mesmo permite o acesso a informações não facilmente disponíveis (STAKE, In DENZIN e LINCOLN, 2001, p. 135); e, ainda, quando se pretendem reunir, numa interpretação unificada, inúmeros aspectos de um objeto pesquisado (MATTAR, 1996). Um estudo de caso também pode envolver a conjugação de casos múltiplos. Os cuidados que devem ser tomados na utilização de casos múltiplos referem-se a duas questões fundamentais. Em primeiro lugar, o critério de amostragem, pois em estudos dessa natureza a escolha da amostra não se baseia em incidência de fenômenos, mas, sim, no interesse do caso em relação ao fenômeno sob estudo e às variáveis potencialmente relevantes. Em segundo lugar, o número de casos selecionados também se relaciona às replicações teóricas necessárias ao estudo, ou seja, da certeza que se quer ter, e não a critérios estatísticos relacionados a níveis de significância. No Método de Estudo de Caso, a seleção randômica de elementos amostrais não é necessária, e muitas vezes nem mesmo desejada (EISENHARDT, 1989, p. 537). Um outro cuidado essencial que se deve tomar no critério de escolha dos casos é evitar um estreitamento do universo para escolha, não se analisando casos que estejam na fronteira do fenômeno que se pretende analisar. Esses casos podem trazer à tona facetas que não foram inicialmente pensadas e podem oferecer dados para comparação (MILES e HUBERMAN, 1994, p. 34; EISENHARDT, 1989, p.537). Um guia a ser seguido para escolha dos casos é pensar primeiro nos casos que sejam típicos ou representativos do fenômeno e depois, pensar em casos que sejam negativos ou não conformes ao fenômeno. Um

terceiro critério a ser considerado são os casos considerados excepcionais ou discrepantes. Os dois primeiros critérios permitem que o pesquisador estabeleça os limites para composição de sua amostra com base na variação de aspectos relacionados ao fenômeno. O terceiro critério permite que o pesquisador qualifique seus achados e especifique as variações ou contingências sob as quais o fenômeno se manifesta. Utilizar aspectos dos casos discrepantes força o pesquisador a clarear os conceitos e confirma os limites estabelecidos para escolha da amostra (MILES e HUBERMAN, 1994, p. 34).

Miles e Huberman (1994) oferecem uma lista de questões que auxiliam a determinar se o critério escolhido para seleção dos casos foi adequado: a amostra escolhida é relevante para o quadro referencial e para as questões de pesquisa? O fenômeno no qual se está interessado pode ser identificado na amostra? Os casos escolhidos permitem comparação e algum grau de generalização? As descrições e explicações que podem ser obtidas a partir dos casos estudados guardam consonância com a vida real? Os casos selecionados são considerados viáveis, no sentido de acesso aos dados, custo envolvido, tempo para coleta de dados? Os casos escolhidos atendem a princípios éticos?

#### **2.4 Aplicação do método nas Ciências Sociais**

Muitas vezes, ao se delinear um projeto de pesquisa em Ciências Sociais, acaba-se afastando a possibilidade do uso do Método do Estudo de Caso, por conta da falta de familiaridade do pesquisador, que não opta por este método para estudos que envolvam construção ou refutação de teoria. Críticas desta natureza surgem, por exemplo, quando se considera que métodos de natureza qualitativa e quantitativa sejam mutuamente excludentes (MEREDITH, 1998). Contudo, não se pode negar que haja vários desafios quando se opta pela condução de pesquisa utilizando-se este método. Afinal, ele consome um tempo grande, em comparação com coleta de dados de natureza quantitativa, exige entrevistadores e pesquisadores treinados para coleta de dados, além de exigir rigoroso desenho de pesquisa e análise da generalização de resultados (VOSS, TSIKRIKTSIS, FROHLICH, 2002). As críticas que se fazem à utilização do Método do Estudo de Caso talvez estejam alicerçadas em estudos nos quais os autores alegam estar utilizando o método apenas porque contam uma história, mas não mostram, em seu método de investigação, os rigores exigidos para o método (YIN, 2001, p. 32-33). Um estudo de caso pode ser utilizado para testar hipóteses, como, por exemplo, para testar a falseabilidade de teorias, de acordo com o conceito de Popper para prover descrições, ou mesmo para gerar teorias (EISENHARDT, 1998).

A seleção do Método do Estudo de Caso para investigação deve levar em consideração a comparação deste método com outros métodos de pesquisa. Nesse sentido, Yin (2001) apresenta desvantagens e vantagens para o uso de experimentos, levantamentos, análise documental, pesquisa histórica e estudos de casos. Denomina “interpretação equivocada” a idéia da existência de uma hierarquia entre os métodos, na qual o estudo de caso aparece como adequado para fases exploratórias, os levantamentos e pesquisas históricas apropriados para a fase descritiva, e os experimentos como o único método adequado para se chegar a investigações explanatórias ou causais. Yin (2001) discute que os estudos de caso vão além de uma estratégia meramente exploratória, reforçando a existência de estudos de caso exploratórios, descritivos ou explanatórios, embora esta visão seja contestada (TULL e HAWKINS, citados por LAZZARINI, 1997) ou assumida (STAKE, In DENZIN e LINCOLN, 2001) por diferentes autores.

Yin (2001) discute que a adoção do Método do Estudo de Caso é adequada quando são propostas questões de pesquisa do tipo “como” e “por que”, e nas quais o pesquisador tenha baixo controle de uma situação que, por sua natureza, esteja inserida em contextos sociais, ou em situações nas quais o fenômeno sob investigação ainda não é totalmente compreendido e não se conhecem as variáveis relevantes ao problema (VOSS, TSIKRIKTSIS, FROHLICH,

2002). Quanto ao controle de comportamentos, o Método do Estudo de Caso permite que seja analisada uma situação na qual não se possam fazer interferências no sentido de manipular comportamentos relevantes. Neste método os dados são coletados a partir de múltiplas fontes, todas baseadas em relatos, documentos ou observações. Isso significa que podem ser utilizadas inclusive evidências (dados) de natureza quantitativa que estejam catalogadas (conforme proposto por STAKE In DENZIN e LINCOLN, 2001). Esta é considerada uma das vantagens deste método sobre outros métodos de investigação tidos como qualitativos. Quanto ao foco temporal, o Método do Estudo de Caso é bastante amplo, pois permite que o fenômeno seja estudado com base em situações contemporâneas, que estejam acontecendo; ou em situações passadas, que já ocorreram e que sejam importantes para a compreensão das questões de pesquisa colocadas.

## 2.5 Um modelo de investigação

A partir das diversas contribuições de autores apresentadas ao longo deste texto, pode-se construir um modelo para análise de pesquisas que tenham utilizado o Método do Estudo de Caso. A Figura 1 apresenta este modelo.

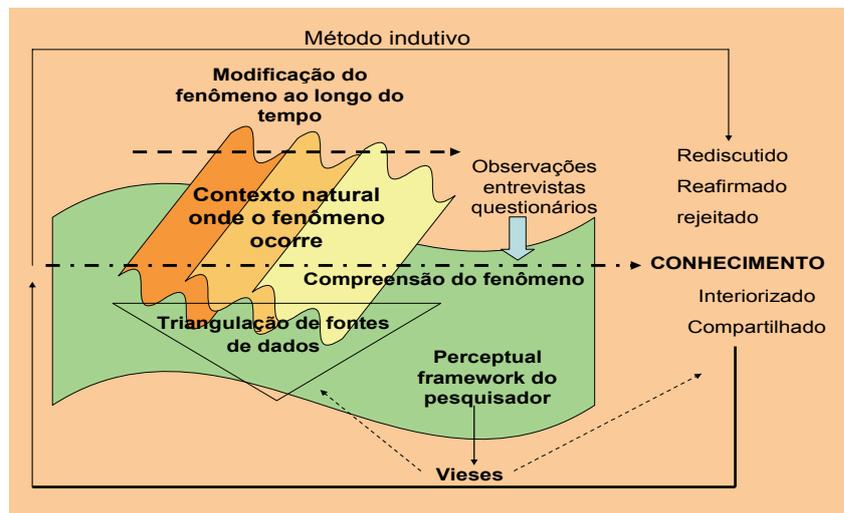


Figura 1: Modelo proposto para análise de estudos que utilizem o Método do Estudo de Caso

Pode-se observar na Figura 1, nas formas de cor laranja, ocre e amarelo, uma representação de uma realidade que se pretende estudar, e que se altera ao longo do tempo. Enquanto um caso selecionado, esta realidade pode ser considerada única ou representativa do fenômeno sob estudo. A forma de cor verde representa o mapa perceptual do pesquisador. Este se mistura e, por vezes, se confunde com a realidade analisada. Gera vieses na compreensão do fenômeno, e na interiorização e compartilhamento do conhecimento adquirido ao longo do estudo de caso. A seta pontilhada que passa sobre as formas que representam a realidade sob estudo mostra que no estudo de caso o objetivo pode estar relacionado à rediscussão, reafirmação ou refutação de teorias. Sempre deverá resultar numa compreensão mais acurada do fenômeno sob estudo gerando, assim, um patamar superior de conhecimento. Essa compreensão expandida do fenômeno está intrinsecamente relacionada aos métodos escolhidos para coleta de dados, tais como entrevistas, observações em campo, levantamentos baseados em questionários, etc. Considerando-se as diversas objeções que se faz sobre estudos de natureza qualitativa, notadamente aquelas relacionadas ao envolvimento do pesquisador com a realidade sob estudo, utilizam-se na Figura 1 um triângulo para representar o que se chama de triangulação, ou seja, utilização de múltiplas fontes de dados que poderiam, de certa forma, amenizar os vieses gerados pela imersão do pesquisador na

realidade sob estudo. Finalizando, a cor salmão, que delimita o espaço da Figura 1, representa o universo no qual um estudo de caso pode ser analisado. Este espaço abrange todas as possíveis fontes de interferência sobre a realidade estudada. Ele é tão mais amplo, mais complexo, quanto mais amplo seja a delimitação do objeto de estudo. Pode representar espaços sociais, pode se referir aos cenários econômicos e, ainda, pode envolver sistemas políticos, dentre outras possibilidades.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 Objetivo geral

Este estudo teve como objetivo geral conhecer como tem sido utilizado o Método do Estudo de Caso em pesquisas feitas na área de Contabilidade, de forma a verificar a sua adequação aos preceitos metodológicos estabelecidos pela teoria existente sobre este método de pesquisa.

#### 3.2 Questões de Análise

As questões de análise foram desenvolvidas a partir do referencial teórico relacionado aos procedimentos formais a serem cumpridos quando se utiliza como metodologia de pesquisa o Método do Estudo de Caso. A partir desse referencial montou-se um modelo de análise, aqui denominado “Modelo Teórico Proposto” (Figura 1). Assim sendo, cada questão representa um dos quesitos considerados essenciais na utilização do método do estudo de caso. Na seqüência, apresentam-se as questões do estudo: 1. Os estudos foram feitos em ambientes naturais? 2. Foram analisadas as modificações do fenômeno ao longo do tempo? 3. Os fenômenos estudados se configuram como situações únicas? 4. Os fenômenos estudados se configuram como situações raras? 5. Foram citados quais foram os métodos utilizados para coleta de dados? 6. Foi utilizado qualquer tipo de triangulação para confirmação dos dados? 7. Foram citados quantos respondentes/ dados/ situações foram considerados (as) / analisados (as)? 8. Foi analisada a influência do contexto sobre os respondentes/ documentos/ situações? 9. Foi analisada a influência do contexto sobre o pesquisador (*perceptual framework*)? 10. Foram considerados os possíveis vieses na coleta de dados? 11. Foram considerados os possíveis vieses na análise dos resultados? 12. Houve tentativa de refutação do conhecimento gerado? 13. Foram citados quais os objetivos perseguidos pelos pesquisadores para a aplicação do método do estudo de caso (Descrição de uma realidade/ fenômeno? Teste de teoria? Geração de teoria?); 14. Houve proposta de retomada de processo considerando o grau de conhecimento gerado pelo estudo? 15. A pesquisa propôs desdobramentos para estudos posteriores? 16. A pesquisa gerou desdobramentos para estudos posteriores?

#### 3.3 População

Neste estudo fez-se um censo dos artigos acadêmicos publicados, no Brasil e em língua inglesa, nos congressos e periódicos selecionados, no período de 2002 a 2006, na área de Contabilidade. Assim, não são feitas considerações sobre amostragem.

**Publicações no Brasil – população:** Foram analisados, neste estudo, os trabalhos publicados nos Anais do EnANPAD, no período de 2002 a 2006. O EnANPAD (Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração) é tido como um dos maiores eventos da comunidade científica e acadêmica na área de administração e afins no país. O evento tem periodicidade anual e acontece geralmente nos meses de setembro, em diferentes cidades brasileiras, tendo em sua programação principal a apresentação de aproximadamente 800 trabalhos nas diversas áreas temáticas, em cada ano. Consideraram-se como população deste estudo todos os trabalhos apresentados nos Encontros de 2002 a 2006 na área de Contabilidade. Essa macro áreas foi subdividida nos anos de 2005 e 2006; para

possibilitar comparação, fez-se o estudo considerando-se, nesses anos, a somatória dos trabalhos das subáreas. Apresenta-se, a seguir, a lista do número de trabalhos apresentados em cada evento: 1. EnANPAD 2002, Salvador / BA - Contabilidade e Controle Gerencial: 47 trabalhos; 2. EnANPAD 2003, Atibaia / SP: Contabilidade e Controle Gerencial: 55 trabalhos; 3. EnANPAD 2004, Curitiba / PR - Contabilidade e Controle Gerencial: 68 trabalhos apresentados; 4. EnANPAD 2005, Brasília / DF: Finanças e Contabilidade: Contabilidade para usuários externos – FIC A, 39 trabalhos apresentados; Finanças e Contabilidade: Contabilidade gerencial e controladoria – FIC B, 31 trabalhos apresentados; 6. EnANPAD 2006, Salvador / BA: Finanças e Contabilidade: Contabilidade para usuários externos – FIC A: 38 trabalhos apresentados; Finanças e Contabilidade: Contabilidade gerencial e controladoria – FIC B : 33 trabalhos apresentados. A população total de artigos publicados no EnANPAD, no período de 2002 a 2006 foi de 744 artigos (43 desses eram ensaios); dos 311 da área de Contabilidade (ou Contabilidade e Finanças) sobraram 268 a serem analisados.

**Publicações em língua inglesa – população:** considerou-se como população de publicações em língua inglesa os artigos publicados no *Journal of Accounting Research*; este é uma publicação de estudos analíticos, empíricos, experimentais e que utilizam o Método do Estudo de Caso na área de contabilidade e afins. Este periódico é publicado desde 1963 pelo *Institute of Professional Accounting* (IPA) da Universidade de Chicago, e desde 2001 em parceria com a Editora Blackwell. Para o desenvolvimento deste estudo foram analisados os artigos publicados entre os anos de 2002 a 2006, correspondendo aos volumes de número 40 a 44. Cada volume teve cinco diferentes números lançados nos meses de março, maio, junho, setembro e dezembro de cada ano. No total foram publicados 184 artigos, assim distribuídos: ano 2002 – 57 artigos, 2003 – 34 artigos, 2004 – 32 artigos, 2005 – 27 artigos e 2006 – 34 artigos. Há de se destacar que o número de trabalhos publicados em um periódico, por ano, é bem inferior ao número de artigos publicados em congressos. Assim, a população internacional (184 artigos) é menor do que a nacional (311 artigos) no período de 2002 a 2006.

### 3.4 Procedimentos de coleta e análise de dados

Dentro da população de artigos selecionados, foram analisados todos os artigos nos quais os autores declaravam que haviam utilizado o Método de Estudo de Caso. Cada artigo foi analisado em dezesseis quesitos conforme as questões de pesquisa propostas. A análise descritiva baseou-se na incidência ou não de relato, no texto do artigo, da observância do quesito sob estudo. Assim, a escala era nominal (presença ou ausência do quesito). Para registro dos dados considerou-se o seguinte critério: se o quesito havia sido descrito ou citado no texto, atribuía-se o valor 1,0; se não, era atribuído o valor zero. As variáveis mensuradas em escala não métrica foram assim transformadas em escala métrica (variável *dummy*). Com base nesses valores foram montadas tabelas de frequência para cada um dos quesitos analisados. Para análise da frequência dos dados, bem como para os demais procedimentos estatísticos utilizados no estudo foram utilizados os softwares: Excel e SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 13.0.

## 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### Análise Descritiva - Dados de Publicação Nacional (EnANPAD)

#### Análise de frequências de respostas

A Tabela 1 apresenta as distribuições de frequências associadas às questões de número 1 a 4, respectivamente: 1- Os estudos foram feitos em ambientes naturais? 2. Foram analisadas as modificações do fenômeno ao longo do tempo? 3. Os fenômenos estudados se configuram como situações únicas? 4. Os fenômenos estudados se configuram como situações raras?

**Tabela 1** – Frequências relacionadas às questões de estudo de números 1 a 4

	Questão 1		Questão 2		Questão 3		Questão 4	
	F	A	F	A	F	A	F	A
<b>2002</b>	7	09/46	4	09/46	5	09/46	0	09/46
<b>2003</b>	11	13/54	6	13/54	9	13/54	1	13/54
<b>2004</b>	14	15/68	12	15/68	9	15/68	1	15/68
<b>2005</b>	12	14/59	7	14/59	5	14/59	0	14/59
<b>2006</b>	14	16/71	11	16/71	2	16/71	0	16/71
<b>Totais</b>	58	67/268	40	67/268	30	67/268	2	67/268

**Legenda:** F - Frequência encontrada; A - Número de trabalhos analisados (número de artigos chamados estudos de caso / número de artigos total da área no ano sob análise).

Pode-se verificar que grande parte dos artigos (86%) relata que o estudo de caso foi realizado em ambiente natural de ocorrência do fenômeno analisado no artigo, conforme previsto no modelo teórico proposto neste estudo. Este percentual abaixo de 100% pode ser decorrência da utilização de dados secundários (como os extraídos das demonstrações contábeis e relatórios anuais divulgados pela mídia) utilizados para coleta de dados, o que é habitual em estudos da área. O percentual de citação, nos artigos, de análise do fenômeno ao longo do tempo (59,7%) mostra que muitos estudos fazem a análise de séries históricas de dados contábeis ou financeiros. Estudos dessa natureza ficam menos suscetíveis à ocorrência de vieses ocasionados por situações específicas de um determinado momento histórico (a exemplo de uma alteração eventual de vendas em um determinado período do ano). Quanto à classificação, feita pelo autor do artigo, sobre o fenômeno de estudo enquanto uma situação única e uma situação rara, nota-se que os fenômenos estudados são apresentados como sendo únicos, e quase nenhum deles como sendo raros. Isto sugere que os casos escolhidos, aparentemente, apresentam situações típicas, que mereçam ser estudadas, mas que não são raras. Isto talvez possa ser explicado pela característica da área, fortemente normatizada, quando relacionada à contabilidade para usuário externo, ou pelo estudo de uma prática de contabilidade gerencial em uma organização específica, quando relacionada à contabilidade para usuário interno. Isto leva a supor que os autores dos artigos analisados não escolheram analisar casos que estivessem na fronteira do fenômeno, casos estes que poderiam revelar facetas ainda inexploradas pelas pesquisas na área. Talvez tenham optado por estudos que permitissem maior generalização dos resultados.

A Tabela 2 apresenta as distribuições de frequências associadas às questões de número 5 a 8, respectivamente: Foram citados quais foram os métodos utilizados para coleta de dados? 6. Foi utilizado qualquer tipo de triangulação para confirmação dos dados? 7. Foram citados quantos respondentes/ dados/ situações foram considerados (as) / analisados (as)? 8. Foi analisada a influência do contexto sobre os respondentes/ documentos/ situações.

**Tabela 2** – Frequências relacionadas às questões de estudo de números 5 a 8

	Questão 5		Questão 6		Questão 7		Questão 8	
	F	A	F	A	F	A	F	A
<b>2002</b>	08	09/46	3	09/46	3	09/46	6	09/46
<b>2003</b>	12	13/54	9	13/54	13	13/54	11	13/54
<b>2004</b>	14	15/68	4	15/68	6	15/68	5	15/68
<b>2005</b>	14	14/59	5	14/59	9	14/59	8	14/59
<b>2006</b>	16	16/71	3	16/71	10	16/71	8	16/71
<b>Totais</b>	64	67/268	24	67/268	41	67/268	38	67/268

**Legenda:** F - Frequência encontrada; A - Número de trabalhos analisados (número de artigos chamados estudos de caso / número de artigos total da área no ano sob análise).

Vê-se que 100% dos artigos apresentam a descrição dos métodos utilizados para coleta de dados, conforme previsto no modelo teórico proposto neste estudo. Isto é esperado, pois

esta é uma exigência formal a ser cumprida para submissão de artigos à avaliação de periódicos acadêmicos. Quanto ao baixo uso de triangulação (35,8% dos estudos), entende-se que se os estudos de caso apresentados forem de natureza eminentemente quantitativa (utilização de métodos quantitativos para coleta de dados), a triangulação não faria parte do protocolo de pesquisa. Assim, não se pode afirmar que a não citação de utilização de triangulação seja indicio de quebra de rigor metodológico para estes casos. Em relação ao número de respondentes, apenas 61% dos artigos os citam. Vê-se que apenas cerca de 40% dos artigos analisados discutem a influência do contexto sobre os respondentes/documentos/situações analisadas, mostrando uma dissonância, vez que todos os artigos relatam terem feitos seus estudos em ambiente natural (questão 1); isto sugere uma grande probabilidade de interferência do meio sobre o fenômeno que está sendo estudado, característica inerente à pesquisa qualitativa na área de Ciências Sociais.

A Tabela 3 apresenta as distribuições de frequências associadas às questões de número 9 a 12, respectivamente: 9. Foi analisada a influência do contexto sobre o pesquisador (*perceptual framework*)? 10. Foram considerados os possíveis vieses na coleta de dados? 11. Foram considerados os possíveis vieses na análise dos resultados? 12. Houve tentativa de refutação do conhecimento gerado?

**Tabela 3** – Frequências relacionadas às questão de estudo de números 9 a 12

	Questão 9		Questão 10		Questão 11		Questão 12	
	F	A	F	A	F	A	F	A
<b>2002</b>	1	09/46	0	09/46	2	09/46	0	09/46
<b>2003</b>	1	13/54	1	13/54	1	13/54	3	13/54
<b>2004</b>	2	15/68	0	15/68	1	15/68	0	15/68
<b>2005</b>	2	14/59	1	14/59	1	14/59	1	14/59
<b>2006</b>	0	16/71	2	16/71	1	16/71	0	16/71
<b>Totais</b>	6	67/268	4	67/268	6	67/268	4	67/268

**Legenda:** F - Frequência encontrada; A - Número de trabalhos analisados (número de artigos chamados estudos de caso / número de artigos total da área no ano sob análise).

Observa-se que os artigos não discutem a influência do contexto sobre o pesquisador(apenas cerca de 10%). Este é um dado curioso, vez que um dos pressupostos da pesquisa qualitativa é que o pesquisador age, tanto na coleta quanto na interpretação dos dados do fenômeno sob estudo, de acordo com o significado que o fenômeno tem para ele, pesquisador. Assim, considera-se que o contexto interfere sobre a análise que o pesquisador faz de seus dados. Vê-se que poucos artigos discutem a influência destes vieses na coleta de dados (5,6 %). Este baixo percentual talvez esteja associado ao uso de dados secundários e de documentos para a coleta de dados, documentos esses geralmente publicados e formalmente confeccionados, de acordo com normas de regulamentação existentes, sendo assim poucos sujeitos a gerar vieses na coleta de dados, no caso da contabilidade para usuário externo.

No âmbito da contabilidade gerencial era de se esperar uma maior interação na coleta de dados no ambiente da empresa e, portanto, maior presença de vieses. Os resultados encontrados relacionados à influência dos vieses na análise dos resultados (questão 11) podem ser considerados desalentadores, em termos de rigor metodológico: apenas 6% a citam. Ora, a análise dos resultados, seja em pesquisa de natureza qualitativa ou quantitativa, está fortemente alicerçada na visão de mundo do pesquisador. Isto significa que há um grau de subjetividade inerente na interpretação dos dados. Além disto, a própria escolha do referencial teórico utilizado pelo pesquisador para dar forma às suas análises não se dá de maneira neutra. Pode-se dizer que há uma contaminação de interesses do pesquisador tanto na proposta dos temas para estudo quanto na análise dos dados. Assim sendo, os artigos deveriam citar, com maior frequência, esta possibilidade de viés na análise dos resultados, o que na prática não se constatou.

Em relação à tentativa de refutação, na pesquisa, em relação ao conhecimento gerado (questão 12), vê-se que pouquíssimos artigos a citaram (5,6%). Para a pesquisa de natureza quantitativa a tentativa de refutação em relação ao conhecimento gerado se dá pela utilização de testes e técnicas estatísticas concorrentes, tendo como objetivo analisar a estabilidade do resultado encontrado ou sua significância estatística. Assim, os artigos que apresentam estudos de caso com ênfase em metodologia quantitativa também deveriam citar o que foi feito para tentar refutar o conhecimento gerado. Assim sendo, essa baixa incidência de citação de tentativa de refutação indica que os pesquisadores não a fizeram, ou não consideraram relevante incluir algum comentário em seus artigos a respeito do tema, ou, ainda, que desconhecem ser este passo relevante e integrante de uma pesquisa realizada pelo Método do Estudo de Caso.

A Tabela 4 apresenta as distribuições de freqüências associadas às questões de número 13 a 16, respectivamente: 13. Foram citados quais os objetivos perseguidos pelos pesquisadores para a aplicação do método do estudo de caso (Descrição de uma realidade/fenômeno? Teste de teoria? Geração de teoria?); 14. Houve proposta de retomada de processo considerando o grau de conhecimento gerado pelo estudo? 15. A pesquisa propôs desdobramentos para estudos posteriores? 16. A pesquisa gerou desdobramentos para estudos posteriores?

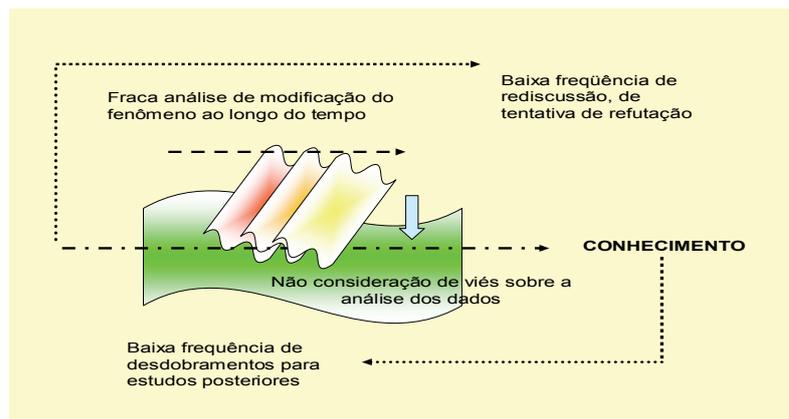
**Tabela 4 –** Freqüências relacionadas às questão de estudo de números 13 a 16

	Questão 13		Questão 14		Questão 15		Questão 16	
	F	A	F	A	F	A	F	A
<b>2002</b>	9	09/46	1	09/46	3	09/46	0	09/46
<b>2003</b>	13	13/54	0	13/54	5	13/54	0	13/54
<b>2004</b>	15	15/68	0	15/68	6	15/68	0	15/68
<b>2005</b>	14	14/59	1	14/59	6	14/59	0	14/59
<b>2006</b>	16	16/71	2	16/71	6	16/71	0	16/71
<b>Totais</b>	67	67/268	4	67/268	26	67/268	0	67/268

**Legenda:** F - Freqüência encontrada; A - Número de trabalhos analisados (número de artigos chamados estudos de caso / número de artigos total da área no ano sob análise).

Vê-se que de quase todos os artigos apresentam os objetivos do estudo, o que não é surpreendente, pois um dos critérios considerados pelos periódicos acadêmicos para aceitação de artigos a serem publicados é a existência de objetivos claramente definidos ao longo do texto. Quanto à citação de retomada do processo de pesquisa, considerando o grau de conhecimento gerado, vê-se que apenas 5,6% dos artigos a apresenta. Isto é interessante, pois em pesquisas de natureza qualitativa entende-se que os significados encontrados na análise dos dados são controlados pelo processo de interpretação feito pelo pesquisador, e que é modificado à medida que ele interage com as coisas. Quanto à citação, no artigo, de proposta de desdobramentos para estudos posteriores, vê-se que 38% dos artigos analisados apresentam propostas de desdobramento para estudos posteriores, mas nenhum cita que a pesquisa, de fato, já gerou desdobramentos futuros.

Considerando-se o modelo teórico proposto no estudo, conforme Figura 1, pode-se verificar que os artigos analisados não apresentaram evidência de que sigam os rigores metodológicos previstos para um estudo de caso. Traduzindo-se para uma figura (Figura 2) o modelo de estudo de caso de acordo com os resultados referentes aos artigos objeto de análise deste estudo, pode-se comparar com o modelo de análise proposto neste trabalho (Figura 1). Observa-se, claramente, que o modelo encontrado é muito mais pobre em relação ao modelo proposto, denotando que os artigos analisados deixam muito a desejar em relação ao rigor metodológico requerido para se realizar uma pesquisa por meio da Metodologia do Estudo de Caso (Figura 2).



**Figura 2** – Comparação entre o modelo proposto e o modelo encontrado para utilização do método do estudo de caso.

### Análise Descritiva - Dados de Publicação Internacional

A Tabela 5 mostra o número de artigos publicados no *journal* internacional selecionado neste estudo, bem como a frequência de artigos, nesses *journal*, que citaram a utilização do método do estudo de caso.

**Tabela 5-** Artigos analisados em revistas internacionais

	Contabilidade
	F/T
<b>2002</b>	1/57
<b>2003</b>	1/34
<b>2004</b>	0/32
<b>2005</b>	0/27
<b>2006</b>	0/34
<b>Totais</b>	2/184

**Legenda:** F Número de trabalhos analisados (número de artigos chamados estudos de caso ) T – número de artigos publicados nos periódicos sob análise.

Chama a atenção a baixa utilização do método do estudo de caso nas publicações internacionais da área de negócios analisadas neste estudo, quando se compara com a utilização do método no Brasil, nas mesmas áreas. Há várias possíveis explicações para essa diferença encontrada. Apresenta-se a seguir algumas possíveis explicações:

1. O método do estudo de casos é muito utilizado em outras áreas das Ciências Sociais, o que se percebe pelos exemplos que são citados nos livros de metodologia de pesquisa qualitativa (estudos sociológicos, antropológicos, etc.). Os livros de metodologia de pesquisa para a área de negócios, escritos por autores não brasileiros, dão pouca ênfase à metodologia de pesquisa qualitativa. Por vezes, dentro de um livro, é dedicado um capítulo à metodologia qualitativa (HAIR, Jr et al., 2003; COOPER e SCHINDLER, 2003). Os pesquisadores podem não valorizar o método do estudo de caso, abraçando as críticas que se fazem ao mesmo, em termos de baixo controle de variáveis, dificuldades de generalização, interferência do pesquisador sobre o objeto de estudo, dentre outras.

2. A confusão existente entre o método do estudo de caso, enquanto método de investigação científica, com estudo de caso didático, que tem um objetivo pedagógico, e cujos conteúdos não são necessariamente desenvolvidos a partir de rigor metodológico; em publicações no Brasil, vêem-se muitos casos que mais se aproximam do caso didático do que do método do estudo de caso.

3. Os crivos de publicação em periódicos são mais rigorosos do que os de aceitação de um trabalho para congresso. Os congressos normalmente são fóruns de discussão de trabalhos em andamento; nos periódicos é esperada a apresentação de trabalhos em sua versão final, que

já tenham agregado uma discussão da comunidade acadêmica, como a que ocorre durante as apresentações de trabalhos em congressos. Também é preciso que se considere a política de publicação dos periódicos internacionais analisados. Pode ser que a mesma não incentive a publicação de estudos que sejam considerados estudo de caso, vez que estudos dessa natureza, embora apresentem profundidade de análise, têm baixo poder de generalização.

4. Para públicos de diferentes países, caso dos públicos de publicações em língua inglesa, um estudo de caso só terá interesse se o caso estudado for efetivamente raro, lançando luz sobre algum aspecto não explorado no corpo de conhecimentos das áreas de publicação; ainda, o caso deve ser, ao mesmo tempo, considerado relevante para realidades distintas do ambiente no qual o caso foi desenvolvido. Se considerados esses dois critérios, na política de publicação da revista, pode ser mais difícil, para um pesquisador, conseguir publicar em periódicos internacionais um estudo de caso de empresa ou realidade específica de seu país de origem.

5. O baixo percentual de citação de casos pode estar associado ao fato de que, talvez de maneira diferente do que se faz no Brasil, uma análise de dados longitudinais não seja considerada um estudo de caso, ainda que a mesma tenha sido feita em uma única empresa.

#### **Análise de freqüências de respostas**

A Tabela 6 apresenta as freqüências de resposta de cada uma das questões ao longo dos anos. Os totais de citação encontrados em cada quesito foram convertidos em percentuais apenas para comparação com os percentuais obtidos com os artigos do EnANPAD que foram analisados.

**Tabela 6** – Distribuição de freqüências de citações nos artigos publicados em periódicos internacionais

	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	Q11	Q12	Q13	Q14	Q15	Q16	totais
<b>2002</b>	1	1	0	0	1	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	6
	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	3
<b>2003</b>	1	0	1	0	1	1	1	1	0	0	1	0	1	0	1	0	9
<b>2004</b>	Não há artigos que utilizam o método do estudo de caso.																
<b>2005</b>	Não há artigos que utilizam o método do estudo de caso.																
<b>2006</b>	Não há artigos que utilizam o método do estudo de caso.																
<b>Totais</b>	2	1	1	0	2	2	3	1	0	0	1	2	2	0	1	0	18
<b>% I</b>																	
<b>% E</b>	95	41	25	0	98	34	55	37	8	12	7	3	96	3	37	3	

No período de 2002 a 2006, foram encontrados apenas dois artigos que utilizam o método do estudo de caso. Pode-se ver que apenas um deles (o artigo de 2003) cita a utilização de 9 dentre os dezesseis quesitos analisados, ficando próximo de um índice de 50% de utilização. Dentre os dois artigos de 2002, um cita seis quesitos e o outro, apenas três quesitos. Essa citação de utilização está abaixo da média encontrada nos periódicos nacionais.

#### **5. CONCLUSÕES**

Pode-se dizer que o estudo cumpriu seu objetivo principal, e alcançou os seguintes resultados: 1) apresentou um painel sobre a forma como vem sendo aplicado o método de estudo de caso no estudo de fenômenos da área de Contabilidade; 2) identificou aspectos essenciais a serem considerados para minimização das críticas que a utilização do método recebe por parte de pesquisadores; 3) identificou a distância entre a teoria e a prática em relação ao método de estudo de caso.

Os resultados obtidos sugerem haver ainda uma longa distância entre o que é proposto na teoria de metodologia de pesquisa em relação ao Método do Estudo de Caso e a sua utilização na prática. Muito embora se tenha trabalhado com os relatos de pesquisa e não com a análise dos protocolos seguidos em cada uma das pesquisas objeto dos artigos publicados, tem-se uma impressão geral de que o descrédito dado à utilização do método tem algum fundamento vez que aspectos essenciais, como triangulação e consideração de vieses, por

exemplo, parecem ser negligenciados. Afinal, não cabe ao leitor acreditar na veracidade dos dados, mas sim ao pesquisador apresentar todos os elementos que possam corroborar a metodologia utilizada.

Não se pode afirmar, contudo, que o pesquisador não tenha cumprido os critérios na pesquisa de campo propriamente dita; o baixo índice de citação de critérios pode estar associado apenas a erros formais de apresentação de resultados o que, por si, já é um fato relevante para a comunidade acadêmica.

Por fim, entende-se que, da mesma forma que a pesquisa qualitativa evoluiu, de seus primórdios até a posição mais recente, considerada como um momento pós-experimental ou mesmo como um momento do futuro (DENZIN e LINCOLIN, 2006, p. 32), o Método do Estudo de Caso também tem evoluído. Muitas das críticas que se fazia à utilização do mesmo vêm sendo derrubadas face aos esforços de Yin, Stake e outros autores que vêm aprimorando o método através de seus estudos.

Entretanto, para que o método se imponha, definitivamente, como uma das possibilidades para se fazer ciência na área de Ciências Sociais, é preciso que os procedimentos propostos para o método sejam seguidos. O crescimento exagerado da área de pesquisa qualitativa (SEALE et al. (2006) preocupa a comunidade acadêmica porque quantidade se sabe, não é sinônimo de qualidade. O fato de haver um número crescente de pesquisadores aderindo ao método qualitativo pode representar uma mudança de paradigma para os estudos da área de Contabilidade, mas também pode estar associado à percepção que alguns têm de que métodos qualitativos são “soft”, enquanto métodos quantitativos são “hard”. Isto não é verdade: fazer pesquisa qualitativa exige do pesquisador muita disciplina, perseverança e dedicação e consome mais tempo do pesquisador do que estudos de natureza quantitativa; exige habilidades específicas e rigor metodológico. O método do estudo de caso não é tarefa para iniciantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec. 1997.
- COLLINS, Jill, HUSSEY, Roger. *Pesquisa em Administração. Um guia prático para alunos de graduação em pós-graduação*. 2 ed. Porto Alegre : Bookman, 2005.
- DENZIN, Norman K. ; LINCOLN, Yvonna S. (Editores). *Handbook of qualitative research*. (2 Ed.). Thousand Oaks, Califórnia: Sage Publications. 2001.
- EISENHARDT, K. M.; Building Theories from Case Study Research. *Academy of Management Review*, 1989, Vol. 14, No. 4, p. 532-550.
- FACHIN, Odília. *Fundamentos de metodologia*. São Paulo: Saraiva. 2001.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas da EAESP/FGV*, São Paulo, v.35, n.3, p. 20-29, mai./jun. 1995.
- GUBRIUM, Jaber F.; HOLSTEIN, James A. *The new language of qualitative method*. Oxford: Oxford University Press. 1997.
- LAZZARINI, Sergio Giovanetti. Estudos de caso para fins de pesquisa: aplicabilidade e limitações do método. In FARINA, Elizabeth (coord.). *Estudos de caso em agribusiness*. São Paulo: Pioneira. 1997.
- MASON, Jennifer. *Qualitative researching*. London: Sage Publications. 2002.
- MATTAR, Fauze Najib. *Pesquisa de marketing (edição compacta)*. São Paulo: Atlas. 1996

- MEREDITH, J.; Building Operations Management Theory Through Case and Field Research. *Journal of Operations Management*, 1998, Vol. 16, 441-454.
- MILES, Matthew B.; HUBERMAN, a. Michael. *Qualitative Data Analysis*. Thousand Oaks: Sage. 1994.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de. *Tratado de metodologia científica*. São Paulo: Pioneira. 1997.
- REY, González. *Pesquisa qualitativa em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2002.
- SEALE, Clive. *The quality of qualitative research*. Califórnia : Sage Publications, 1999.
- STAKE, Robert E. The case study method in social inquiry. In DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *The American tradition in qualitative research*. Vol. II. Thousand Oaks, California: Sage Publications. 2001.
- TAYLOR, Steven J.; BOGDAN, Robert. *Introduction to qualitative research methods*. New York: John Wiley& Sons, Inc. 1998.
- VOSS, C., TSIKRIKTSIS, N., FROHLICH, M. Case Research in Operations Management. *International Journal of Operations & Production Management*. 2002, Vol. 22, No. 2, 195-219.
- YIN, Robert K. *Estudo de caso – planejamento e métodos*. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman. 2001.